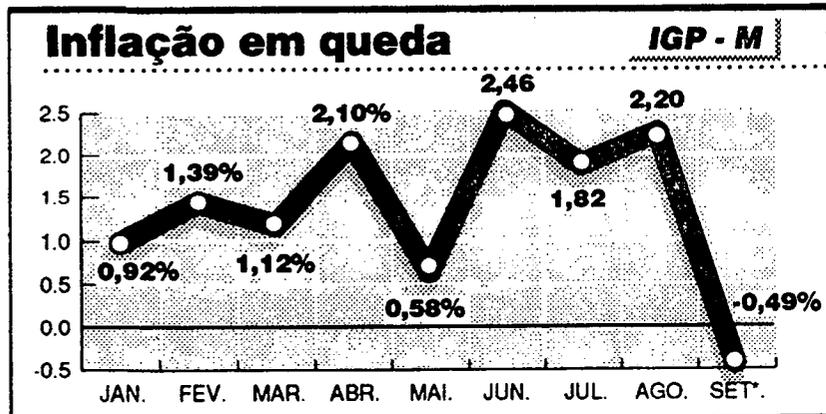


Índice da FGV aponta deflação de 0,49%

■ Queda acelerada nos preços fez inflação despencar

A inflação de setembro será mesmo negativa. É o que indica o resultado de -0,49%, da segunda prévia do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Na primeira prévia, o índice foi de -0,34%, o que mostra uma queda acentuada de preços. Os produtos agrícolas, que puxaram a deflação, registraram redução de 4,02%, mas o desaquecimento da economia teve também forte influência no índice, com alta de apenas 0,32%.

Em conjunto, os dois grupos de produtos fizeram com que o Índice de Preços por Atacado (IPA), que tem um peso de 60% no IGP, registrasse queda de 1,04%. Os preços que puxaram a deflação no IPA foram o mamão, com queda de 27,9% e peso de 3,2%, e a carne bovina, cujos preços caíram



(*) Segunda prévia / Fundação Getúlio Vargas

3,88% e pesaram 3,9% no índice. Apesar da forte redução nos preços da cebola, cujos preços desabaram 43,6%, e da batata inglesa, com queda de 15,1%, seu papel foi secundário, pois pesam cerca de 0,2% no IPA.

No varejo, medido pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC), com peso de 30% no IGP, os preços também estão desacelerados. O IPC foi de 0,17%, contra 1,64% na segunda prévia de agosto. O

Índice Nacional da Construção Civil (INCC), com peso de 10% no IGP, teve alta de 0,35%. O custo da mão-de-obra subiu 0,25% e dos materiais de construção, 0,45%.

Nos preços ao consumidor, que são os que pesam no bolso do cidadão comum, foram registradas quedas nos preços de vestuário (-1,87%) e transportes (-0,28%). As mulheres foram mais beneficiadas que os homens. Os

preços das roupas femininas caíram 2,24% e as masculinas, 1,69%.

A felicidade, entretanto, pára por aí. Continuam a subir os preços de habitação (1,55%), com destaque para os aluguéis (3,05%), saúde (1,89%) e educação (1,18%). Na área de saúde, apesar da alta, há nítida desaceleração. Na primeira prévia de agosto, esses preços subiram 2,68%. Em setembro, o que puxou o índice no grupo saúde foram os serviços de médicos e dentistas, que elevaram seus preços, em média, em 3,10%.

“O preço dos serviços e dos aluguéis ainda está em alta, mas eles estão deixando aos poucos de ser os vilões da inflação. Se não houver reajuste nas tarifas públicas, como energia e telecomunicações, a inflação ficará abaixo de 1% até o final do ano”, prevê o economista Raul Carreira, gerente do Departamento Econômico do Banco Fonte.